

Uma pirâmide: Marco de agradecimento e esperança

Por PAULO FERRO

Como os nossos leitores sabem, no dia 7 de Agosto do ano em curso, fez cem anos que foi fundada a actual Confraria de Nossa Senhora da Abadia. A Mesa da mesma organizou um longo programa de actividades para comemorar tão importante acontecimento. Algumas dessas actividades já foram realizadas; outras estão em realização. No conjunto de todas, encontramos actividades de carácter diverso — vão desde as actividades espirituais até às culturais, incluindo estas concursos, conferências, publicações e a inauguração duma pirâmide-monumento.

Esta pirâmide, da autoria do arquitecto Solla Campos, depois de várias deliberações da Mesa no sentido do seu local de levantamento, vai ser erguida no largo terreno do santuário, um pouco antes do velho coreto da música, no meio dos grandes plátanos e encostada à montanha íngreme e agreste. O velho coreto, resto duma tradição antiga nas passadas romarias de Agosto principalmente, vai também beneficiar do restauro que precisa. O concurso de bandas de música na vida espiritual do santuário, presentemente, está desactualizado. Esse concurso não se integra já no espírito dum santuário mariano cuja raiz matricial é a oração, penitência e meditação. Mas isto não significa que o coreto, levantado na década de quarenta, desapareça do sítio em que está implantado; a Mesa da Confraria entende que ele se deve conservar como um monumento vivo e monumental de uma época que já passou. Nesse sentido, ela também o vai restaurar, dentro do seu programa de actividades do centenário.

A pirâmide, em estudo ainda nas mãos do arquitecto, terá uma das suas faces com inscrições e pedras oferecidas e trazidas de vários santuários Marianos espalhados por Portugal e pelo Mundo. O santuário da Fundação de Portugal quer, desta maneira, estreitar um abraço de comunicação com outros santuários Marianos espalhados pelas partes mais diversas. A Virgem Santíssima é a Rainha de Portugal mas é também a Rainha do Mundo.

Esta pirâmide vai ser um monumento erguido à memória e em agradecimento do esforço de todos aqueles que, duma forma ou doutra, dedicaram trabalho ao levantamento, preservação e engrandecimento do Real Santuário de Nossa Senhora da Abadia, multi-secular em Santa Maria de Bouro, actual concelho de Amares.

Em primeiro lugar, são lembrados os monges de S. Bernardo, do mosteiro de Santa Maria de Bouro, que levantaram o santuário, o engrandeceram e administraram no decorrer de muitos séculos. O edifício do santuário, dos quartéis, da mais de dezena e meia de capelas nos arredores do santuário, tudo foi obra sua. Levantaram tudo isto no decorrer de séculos que vão desde oito anos antes da fundação de Portugal — no dizer dum monge do mosteiro de Bouro — até ao ano de 1834, altura do despropositado decreto que extinguiu as ordens religiosas em Portugal. A administração do santuário de Nossa Senhora da Abadia directamente pertencia ao Mosteiro de Bouro que, através do seu prior, nomeava um monge que presidia à confraria erecta no santuário. De 1834 a 1886, desfeita a antiga confraria, o santuário, com a quase totalidade dos seus bens nacionalizados e confiscados e vendidos a particulares, viveu com muitas dificuldades motivadas pela cobiça de homens gananciosos que, pelos meios mais diversos, tentavam ainda aproveitar-se dos poucos bens que restavam. A autoridade civil controlava a autoridade reli-

(Continua na página 3)

A IMACULADA CONCEIÇÃO E O ADVENTO

Por JORGE FERREIRA, O.S.B.

Desde o século VIII que o Natal cristão é precedido de um período forte de preparação, chamado Advento ou Vinda do Senhor. Por outra parte, desde os séculos IV e V em Roma, na Espanha e na Gália

Conceição no dia 8 de Dezembro, inserida no ciclo litúrgico do Advento e, ao mesmo tempo, associada à grande solenidade do Natal. Aliás, Pio IX ao apresentar como dogma

mais que corresponder aos anseios da Igreja Universal bem como da grande maioria das universidades de então, cerca de 150 que, desde o século XVII, já aceitavam e defendiam esta verdade como dogma.

Portugal, através do nosso rei D. João IV e das Cortes reunidas, proclamaram em 1646, Nossa Senhora da Conceição sua Padroeira e Rainha com o seu trono em Vila Viçosa. A protectora da casa ducal tornou-se a do Reino. Assim o declara o Desembargador do Paço, invocando a obediência dos antigos reis e com a esperança de a Padroeira «amparar e defender a coroa dos nossos inimigos». Dora-vente, todos os escolares que viessem a tomar grau na Universidade de Coimbra, deviam prestar juramento «em defesa da Imaculada Conceição».

O dia 8 de Dezembro passava a ser a festa solene no reino e a ser celebrada com todo o rigor litúrgico, como se tem

mantido até aos nossos dias.

O povo cristão em geral, desde os primeiros tempos do cristianismo, conquanto não atinja plenamente a dimensão total e o alcance teológico do dogma da Imaculada Conceição sempre aceitou como tal, suprimindo pela fé aquilo que a inteligência humana não abarca.

Efectivamente, no momento mais decisivo da história da salvação do género humano, chegada a plenitude dos tempos, Maria surge como o «grande sinal», vestida de sol, na palavra de S. João, no Apocalipse, para alumiar a humanidade decaída. Toda sois formosa, ó Maria, e não há em vós mácula original, canta a liturgia do cântico de entrada no dia 8 de Dezembro. Por estas palavras, a celebração deste mistério da Virgem no coração do Advento prenuncia os esplendores da Encarnação de seu Filho, a 25 de Dezembro: «nos esplendo-

(Continua na página 3)



crístãs há acenos de tom ascético e litúrgico a convidar os fiéis para a festa da Encarnação do Senhor no dia 25 de Dezembro. Por todo o Ocidente nos princípios do século V, há notícias litúrgicas da celebração de uma festa a Maria, Mãe de Deus, nos dias mais próximos da solenidade natalícia. É a primeira vez que a piedade cristã associa a Mãe de Deus à celebração dos mistérios do seu Filho. Parece pois depreender-se que neste século já era celebrado pelas comunidades cristãs dentro e fora de Roma a festa da Natividade do Senhor no dia 25 de Dezembro. E não deixa de ser significativo que a celebração da festa de Maria, Mãe de Deus, uns dias antes, seja motivo de preparação para a festa do nascimento do Filho.

No calendário litúrgico actual, desde 1854, a Igreja Católica soleniza com toda a pompa litúrgica a festa da Imaculada

de fé a crença na conceição imaculada de Nossa Senhora não fez

O TRABALHO

DIREITOS E DEVERES

Tudo o que se diga ou escreva sobre este tema — o Trabalho —; desde que baseado nas normas orientadoras de «dadores» e «prestadores», nunca será demasiado nos dias que correm. É por demais confusa a situação criada nesta última década, apoiada por falsas ideologias, que outra finalidade não têm, senão o empobrecimento e a destruição deste País, que é o nosso.

O trabalho é a actividade do homem que tem por finalidade um resultado útil e, nessa medida, dotado de valor económico. É, portanto, proveitoso para os patrões e empregados: para os primeiros e segundos porque dele resulta o aumento do capital; para

os segundos, pois nele está a fonte de receitas necessárias à sua sobrevivência.

Neste sentido se organizaram as normas que enformam as rela-

(Continua na página 2)

Televisão para quando?

Por ALEX

Há quase um ano que o posto emissor do Muro se encontra destruído. São já sobejamente conhecidas as razões que o levaram ao seu derrube. Pois o posto estava a cair de velho, foi sendo ignorado através deste tempo todo e quando já não tinha forças para se aguentar de pé humildemente caiu. Uma chuva menos leve fê-lo sucumbir.

Grande parte da população vê mal o 1.º canal e alguma nem o vê. O 2.º é visto por uma pequenissima minoria e em más condições.

Pelo menos temos isto porque um grupo de pessoas, trabalhou bastante, com a ajuda da população e colocou perto do derrubado emissor uma antena provisória (custeada pelo povo).

Para quando senhores responsáveis pela RTP teremos televisão em mínimas condições?! Será que o povo desta região, tem divertimentos de sobra para não precisar do vosso «produtinho» que a «caixinha» nos pode oferecer? Ou será que o pagamento das suas taxas, não têm o mesmo valor da dos restantes deste país!

Há dias a própria TV comunicou qualquer coisa relacionada com a reconstrução do posto emissor do Muro, não consegui entender nada, pelas imagens não sei se mostrou algo sobre uma obra plástica, ou se tinha um «Muro» à frente.

Por mais rápido que ela chegue, já vem muito tarde. Mas somos obrigados a pagar a taxa, o que é injusto!...

**LIGA EUCARÍSTICA promove
encontro entre os três principais
movimentos paroquiais**

(VER PÁGINA DE AMARES)

O TRABALHO — DIREITOS E DEVERES

(Continuação da página 1)

ções do trabalho, visando o interesse das duas partes, como se verifica pelas definições jurídicas que lhe respeitam.

Antes de 25 de Abril de 1974 — no «antigamente» — a lei definia *Contrato* como «o acordo por que duas ou mais pessoas transferem entre si algum direito ou se sujeitaram a alguma obrigação». E diz-nos que *Contrato de trabalho* «é toda a convenção por força da qual uma pessoa se obriga, mediante remuneração, a prestar a outra a sua actividade profissional, ficando no exercício desta, sob as ordens, direcção ou fis-

calização da pessoa ser-vida» ou, por outras palavras, aliás, de acordo com o Decreto-Lei n.º 49408, de 24/11/1969: *Contrato de trabalho* «é aquele pelo qual uma pessoa se obriga, mediante retribuição, a prestar a sua actividade intelectual ou manual a outra pessoa, sob a autoridade e direcção desta».

Quer isto dizer que o «patrão» é obrigado ao pagamento do salário combinado e o «empregado» está obrigado à honesta prestação do serviço combinado, sendo seu dever respeitar o patrão e obedecer-lhe.

A distorção daquelas e destas obrigações cons-

tituem motivo justo para a rescisão do contrato.

Mas, também, a actual Constituição da República Portuguesa é clara, creio, neste aspecto: o n.º 2 do artigo 59.º diz-nos que «O dever de trabalhar é inseparável do direito ao trabalho»; e o n.º 1 do artigo 66.º diz que «Todos têm direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender».

Não podem ficar dúvidas quanto à harmonia entre a lei antiga e a actual.

Trabalhar é um dever sagrado, diz o próprio Jesus Cristo, segundo nos relata o Evangelho de S. Mateus (Cap. 20): «O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha. ... Saiu ainda pela hora undécima, encontrou mais outros que por ali estavam e disse-lhes: Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar? É que, responderam-lhe, ninguém nos contratou. Ele disse-lhes: Ide vós também para a minha vinha».

Esta é a atitude do empresário que pretende mão-de-obra.

Mas é, também, direito do empresário (patrão) pedir contas ao seu servidor.

Neste ponto, aparecemos, também, Jesus, comparando o reino dos céus a um homem que, ausentando-se, confiou aos seus servidores a administração dos seus bens.

Aquele homem, segundo o mesmo evangelista (Cap. 25,30), no regresso, pediu contas. E aquele que não quis servir (apenas guardou para devolução) obteve como recompensa a expulsão.

Isto é a imagem do que, honesta e moralmente, hoje, se passa na relação patrão-empregado, quando o servidor, preguiçoso e mau, se recusa ao trabalho.

No que se refere, especificamente, aos empregados, cabe aqui transcrever o que S. Paulo, na sua Carta aos Tessalonicenses (Cap. 3, 10-12), nos diz: «Quem não quiser trabalhar, não tem o direito de comer. Ora, nós temos ouvido dizer que há entre vós pessoas desregradas, as quais, em lugar de trabalharem, se ocupam com futilidades. A estes ordenamos e exortamos, em nome do Senhor Jesus Cristo, a que trabalhem pacificamente, para comerem assim o pão que eles mesmos tiverem ganho».

Isto significa que o empregado deve cumprir aquilo que prometeu ao patrão ao aceitar o contrato que lhe foi proposto.

Continuando esta linha de pensamento, passo a citar a DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS HOMENS, na parte respeitante ao trabalhador.

O n.º 3 do artigo 23.º do referido documento internacional diz: «*Quem trabalha tem direito a uma remuneração equitativa e satisfatória, que lhe permita e à sua família uma existência conforme com a dignidade humana, e completada, se possível, por todos os outros meios de protecção social.*»

Também o n.º 1 do artigo 29.º do mesmo documento impõe: «O indivíduo tem deveres para com a comunidade sem a qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade».

Parece que, assim, a lei civil e a lei moral estão de acordo em que o empresário, dador de trabalho, e o empregado, prestador de trabalho, estão abrangidos por uma e única lei. Eles deverão estar de boa relação para que, como soe dizer-se, tudo corra bem. Indo tudo bem, o empresário terá o que pretende — o lucro — que é justo, e

o empregado terá o que merece — o lucro do seu trabalho — justo também, concorrendo o primeiro para a melhoria da sociedade e o segundo para o bem estar da sua família, um elemento constituinte da sociedade.

Mas, se o empresário não cumpre o seu dever, que, também, é sagrado, de pagar o salário ao trabalhador, além de ofender a Deus desobedecendo à Sua Lei, está a arruinar-se a si e à sociedade.

E se o trabalhador está merecendo a expulsão do emprego, por maldade e preguiça, como aconteceu no caso que o Evangelho de S. Mateus (Cap. 25,30) nos relata, pois esse trabalhador está a concorrer para o mal da sociedade e para a miséria da sua família.

E as vítimas são os filhos, às vezes tão pequeninos!

Vamos ver se nos entendemos. Patrão e empregado devem ser homens. E os homens entendem-se por palavras, não por gestos.

Uma última palavra, esta para os críticos de ocasião — apaixonados e destempeçados — que, sem irem ao fundo da questão, condenam as entidades patronais. Mas isso está na ordem do dia de alguns políticos e apoiantes, os difusores

das falsas ideologias e das amplas liberdades.

É de muita má política apoiar e criticar sem conhecimento prévio das razões de certas atitudes. É imprudente, desumano e anti social.

Foi o patrão X que despediu F...

O patrão foi desumano deixando aquela família na miséria, afirma-se gratuitamente, sem cuidar saber a razão do despedimento.

Não seria o chefe de família (o despedido) o verdadeiro culpado?

Cumprira ele o contrato de trabalho que aceitou? Não será ele mais uma das muitas vítimas das doutrinas progressistas importadas, que têm contribuído em elevada escala para o descalabro económico, para a nossa ruína?

O progresso de um país é sempre baseado no trabalho, apenas no trabalho, porque só o trabalho é fonte de riqueza.

A preguiça é a mãe de todos os vícios.

Em nenhum lugar o preguiçoso é admitido. O próprio Deus, pela boca de Jesus Cristo, o rejeitou: «A esse servo inútil lançai-o nas trevas exteriores».

Luis de Magalhães

Restaurante da Abadia

(JUNTO AO SANTUÁRIO)

— DE —

*João Baptista de Jesus
Antunes*

ESPECIALIDADES:

Bacalhau, Papas de Sarrabulho, Cozido à Portuguesa, Cabrito, Leitão, etc.

BONS VINHOS DA REGIÃO

SALAS COM CAPACIDADE PARA 700 PESSOAS

Casamentos, Baptizados, Aniversários, Reuniões de Curso, Confraternizações

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 66139

ABERTO TODOS OS DIAS

SANTA MARIA DE BOURO

(Junto ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia)

4720 AMARES

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

Director:

Paulo Ferro

Sub-directores:

Dr. Francisco António Pereira Alves (Amares)

Prof. Américo Maria Simões Pereira (Terras de Bouro)

Redacção e Administração:

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Santa Maria de Bouro

4720 AMARES

Delegações:

BRAGA — Largo de Santa Cruz, 13

Tel.: 27602 • Telex: 32288

4700 BRAGA

AMARES — Casa do Dr. Francisco Alves

Bairro de Santa Catarina

Ferreiros

Tel.: 63334

4720 AMARES

TERRAS DE BOURO — Casa do Prof. Américo Pereira

Assento - Ribeira

Tel.: 35242

4840 TERRAS DE BOURO

Propriedade da Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL: N.º 12453/86

Composto e impresso: «Editora Correio do Minho»

Rua do Caires, 133

4700 BRAGA — APARTADO 290

Assinatura anual: Para território nacional, 600S00; Para o estrangeiro, 1.000S00. Preço avulso: 25S00.



Maximino da Mota

ARMAZENISTA

DE

PRODUTOS ALIMENTARES

IMPORTADOR E EXPORTADOR

DE

BACALHAU E MARISCOS

VENDA POR JUNTO E A RETALHO

Telefones (053)63167/63204

FERREIROS — 4720 AMARES

**PELO
SANTUÁRIO**



Horário das missas aos domingos e dias santos de guarda, durante a hora de Inverno:

- 1.ª missa às 11 horas.
- 2.ª missa às 16 horas.

Nos sábados e na véspera dos dias santos a missa vespertina é às 17,30 horas, nos meses de Dezembro e Janeiro.

OFERTA

Armindo da Silva Rocha, de Serzedo, Vila Nova de Gaia, no dia 9 de Novembro veio à Abadia e ofereceu vinte mil escudos (20.000\$00) para as obras do Santuário e das capelas.

Uma pirâmide:

Marco de agradecimento e esperança

(Continuação da página 1)

giosa. Mas o santuário manteve-se com a fé e esmolas de muitos devotos e crentes que nunca deixaram de afluír ao santuário.

Na pirâmide, vão ser lembrados os heróicos capelães-presidentes que, durante estes anos difíceis, remando contra a maré, conseguiram salvar o santuário.

De 1886, altura da erecção da actual confraria, até aos dias de hoje, passaram pela administração dos bens da confraria muitas centenas de pessoas, dedicadas ao santuário e à divulgação e grandiosidade do culto de Nossa Senhora, esquecidas muitas vezes dos seus próprios interesses particulares e familiares. Muitas destas pessoas serviram a confraria durante várias dezenas de anos — algumas chegaram a ser eleitas para fazer parte da Mesa mais de vinte vezes.

No decorrer destes cem anos de vida da actual confraria, houve mais de 50 mesas e várias comissões administrativas. Até 1920, as mesas da confraria eram eleitas para servirem durante um ano. E poucas vezes não aconteceu assim. A partir de 1920 até 1964, as mesas da confraria passaram a ser eleitas para servirem durante três anos. A partir duma certa altura, que não sabemos bem precisar mas talvez depois de 1950, as coisas da confraria começaram a não correr bem como era de desejar. Motivado talvez pelo desinteresse dos irmãos ou até por administração mais deficiente de algumas mesas, o senhor Arcebispo Primaz teve de intervir directamente na vida da confraria e nomeou, em 1964, uma comissão administrativa da mesma. É esta a situação que infelizmente ainda hoje se mantém. E, no dizer de alguns velhos irmãos, bom seria que os Estatutos da confraria fossem revistos, adaptados às realidades do momento, e se voltasse às eleições da mesa como é da tradição saudável das confrarias e irmandades.

Na pirâmide, a erguer, também estas centenas de pessoas que passaram pelas diversas mesas da confraria serão ali lembradas no sentido de incentivar os presentes e os vindouros com o seu exemplo de dedicação e amor a Nossa Senhora e à administração dos seus bens.

De vários lados, à Mesa da confraria, têm chegado já palavras de encorajamento para que se faça esta obra que vem a enriquecer o património arquitectónico do santuário. Este não é da mesa da confraria. Este é de Nossa Senhora que aqui toma a invocação de Nossa Senhora da Abadia e que se quer das Terras de Entre Homem e Cávado, do Minho, de Portugal e do Mundo. E por isto tudo fica muito mal quando se vê alguém dizer que o santuário é de uma pequena região ou localidade. O santuário de Nossa Senhora da Abadia precisa do incentivo de homens dinâmicos para que se torne novamente o centro espiritual que foi durante muitos séculos.

A pirâmide que a actual Mesa vai levantar no terreiro do santuário, além dum sinal de lembrança e agradecimento pelos homens do passado, é também um marco de esperança para que muito mais se faça.

PAULO FERRO

A IMACULADA CONCEIÇÃO E O ADVENTO

(Continuação da 1.ª página)
res da glória gerei-Te do meu seio».

Ao longo de toda a liturgia do Advento, a missão de Maria como a toda a imaculada é realçada de modo repetitivo e num tom intencionalmente preciso. Leituras e antifonas do ofício divino não se cansam de chamar a atenção para esta verdade.

Dentro da lógica humana este gesto gratuito de Deus, fonte de toda a paternidade, de aceitar a Encarnação do seu Filho Unigénito, só é possível com o contributo de uma mulher da raça de Adão que garantisse a maternidade na ordem da carne. Impunha-se, por outro lado, que Deus preparasse uma morada condigna à sua condição divina. Na liturgia do 1.º Domingo do Advento, nomeadamente no ofício divino, os fiéis são convidados a reflectir na pessoa que estava predestinada pela sabedoria divina a ser o primeiro tabernáculo do Salvador e que, pelo seu fiat, completará os designios de Deus: «Não temas, Maria: encontraste graça diante do Senhor. Conceberás e darás à luz um Filho». Maria, a cheia de graça, na palavra do Anjo, ofereceu o seio imaculado e Deus nasce de uma mulher. Eis-nos perante o facto mais maravilhoso na economia da Redenção. Deus que criou toda as coisas sujeitou-se por meio de Seu Filho à condição de servo, fez-se a si mesmo por meio de Maria para se fazer Deus conosco. Ele que pôde fazer todas as coisas do nada, não quis refazer sem Maria o que tinha sido arruinado pelos nossos primeiros pais. «Porei inimizades entre ti e a mulher»; a promessa está cumprida. Deus é o Pai por quem tudo foi feito, Maria a mãe a quem se deve a sua restauração; Deus gerou Aquele por quem tudo foi feito, Maria deu à luz Aquele por quem tudo foi salvo. Nisto reside a glória de Maria. Ela é o fundamento da esperança da revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo, diz S. Paulo. É chegada a plenitude dos tempos; a renovação do mundo está irrevogavelmente decretada e vai realizar-se entre nós aquilo que os profetas anunciaram a respeito da Mãe do Salvador.

Mas será isto possível? Vou dar à luz um Rei sem perder a minha virgindade? — pergunta Maria ao Anjo. Porque és toda pura desde o seio materno, o Espírito do Senhor virá sobre ti. O orvalho desceu dos céus e as

nuvens choveram o justo; a terra abriu-se e germinou o Salvador.

Maria foi a eleita para que conhecêssemos a Encarnação de Cristo, porque serviu o Senhor em santidade e justiça originais todos os dias da sua vida, como nenhuma criatura o podia fazer. Ela, na sua simplicidade virginal, acreditou, consentiu e recebeu a Palavra feita carne. «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». E o Verbo fez tenda entre nós».

Ao aceitar a maternidade de Deus Filho, torna-se o primeiro fruto da redenção operada por meio de seu Filho: «ó Deus, que prevendo a morte do vosso Filho, preservaste Maria de toda a mancha», oração da festa. Desde o primeiro momento da sua conceição recebeu a força da graça da redenção, mas de um modo mais perfeito que nós. Nós, ao entrarmos na vida, somos envenenados pelo pecado original, e somos dele purificados pelo sacramento do Baptismo. Maria, ao contrário, não conheceu a mancha proveniente da desobediência original. A Igreja ao incluir no Advento a festa da Imaculada Conceição, pretende dizer-nos que,

assim como Maria terá de dar o seu concurso para se operar no seu seio o nascimento de Cristo, também o homem tem de cooperar, preparando-se, para que se opere no seu espírito o nascimento do Salvador: «concedei-nos, por sua intercessão, a graça de chegarmos purificados junto de Vós», oração da festa.

Maria entrou assim na economia da salvação. Criatura impotente em si mesma, triunfa nela a plenitude da graça, permitindo ser assumida totalmente pelo influxo salvífico. Quando cantou o Magnificat estava consciente desta realidade, «porque olhou para a sua humilde serva... e a sua misericórdia estendeu-se de geração em geração... encheu de bens os famintos».

O Vaticano II na *Lumen Gentium* acrescenta: «Redimida dum modo mais eminente, em atenção ao méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho. Os mistérios da Encarnação, Morte e Ressurreição de Cristo, que nos livram de culpa contraída, obtiveram para Maria o singular privilégio

de nem sequer incorrer na culpa».

Maria foi toda receptiva em relação a Deus e a Cristo. Não uma receptividade passiva mas eminentemente activa, pois o seu coração abriu-se totalmente à graça salvífica, merecendo ser premiada com a sua própria santificação em favor da salvação dos outros: tendo junto Jesus Cristo, como Mãe, foi a que mais perfeitamente recebeu a redenção para si e para os outros. Imunizada pela graça de Deus contra qualquer efeito terreno ou carnal que pudesse chocar contra os designios de Deus, Maria foi corporalmente pré-preparada para aceitar a maternidade espiritual e física do Salvador — Virgem Mãe, antes e depois do parto — a Imaculada Conceição.

**JOÃO BARROS
QUEIRÓS**

Agente de Seguros das
Companhias: Bonança,
Aliança Seguradora, Fide-
lidade, Grupo Seguradora,
Tranquilidade
e La Preservatrice

BOURO SANTA MARIA
TELEFONE P.F. 66123



**Fábrica de
fatos
casacos
calças**

de alta categoria!



À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

Ponte dos Falcões

Telefone 71210

Maximinos - 4700 Braga

Telex 32288 Facho

AMARES

O NOSSO LAUSPERENE

Nos segundos sábado e domingo deste mês, a nossa comunidade paroquial intensificou a sua intimidade com o Criador e Senhor do Universo, exposto na majestosa tribuna da nossa Igreja.

O misto harmonioso da combinação de luzes com a verdura dos ramos de cedro e a candura dos cravos brancos que alindavam os altares, os acordes melodiosos e o calor da oração de todos nós, e o suave aroma do

incenso e das flores, constituíram um todo nostálgico e contemplativo que, de forma indelével, uniu o nada que somos com a Onnipotência Divina.

SOLENE HOMENAGEM

Os participantes na Eucaristia vespertina do passado dia 15, aproveitaram o ensejo de comemorar o quarto ano de

Pastor Espiritual, nesta freguesia, do Reverendo Dr. Custódio António Alberto Ferreira Pinto, cantando e rezando por ele, e com ele.

Juntos, honramos Deus, prestigiámos a Sua Igreja e vamos construir uma comunidade sem ódios nem discriminações, sem pactos com Satanás e seus servidores, onde apenas haja caridade e amor.

FIGUEIREDO

RESIDÊNCIAS ASSALTADAS

De assaltos, muito havia, infelizmente, a assinalar.

Têmo-los no meio de nós. E não dizemos mais que isto, pois nada remediámos em referi-los.

Há que seleccionar «raticidas» consoante a qualidade e quantidade de «ratinhos» que andam por aí!

CORREIO DE ASSINANTES

Recebemos alguns telefonemas de assinantes emigrados, lamentando a falta de notícias no número 43 do nosso Jornal, designadamente do sr. José António Pereira, radicado na República Federal da Alemanha.

Também recebemos uma missiva do sr. António de Carvalho Pinheiro, residente em França, que nos enviou cinquenta francos, destinando mil escudos para o custo da sua assinatura. O restante é para as obras da ermida de S. Sebastião.

O sr. Pereira entende

que devíamos falar muito dos nossos velhinhos. E o sr. Pinheiro gostaria que disséssemos tudo do nosso «Estrelas de Figueiredo» e da sua Secção de Columbofilia.

Pois bem. Dentro do possível, não esqueceremos as sugestões e solicitações que nos sejam formuladas.

OS NOSSOS ENFERMOS

Em 11 deste mês, a esposa do sr. Zezinho Pereira, de Transfontão, foi submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital de S. Marcos.

—Durante a noite do dia seguinte, foi internada de urgência e no mesmo estabelecimento hospitalar, por suposta colecistite aguda, a sr.ª D. Severina Gonçalves de Araújo, esposa do colaborador do nosso Jornal, nesta freguesia.

Foi operada quase de imediato. A recuperação, embora lenta, é satisfatória.

—O nosso jovem atleta Hélder Emanuel, neto do sr. Pinheiro, teve alta

daquele Hospital, onde esteve internado por lesão adquirada numa prova desportiva.

Há bastantes doentinhos, nesta freguesia. Mas referi-los-emos noutra oportunidade.

ANIVERSÁRIO

Este menino completou seis anos de idade em 7 de Outubro último.



Parabéns, Nuno Miguel. Não te esqueças de pedir muito, ao Menino Jesus, pela saúde da tua Avozinha Félix.

FUTEBOL E CUMBOFILIA

Por razões alheias à nossa vontade, foi impossível, desta vez, noticiar as actividades do Clube.

Pedimos desculpa. Na próxima, não faltaremos, se Deus quiser.

SEQUEIROS

ACIDENTE LEVOU OCUPANTES DA VIATURA, EM QUE ERAM TRANSPORTADOS, AO HOSPITAL

Na estrada de Caldelas a Sequeiros, perto dos limites entre estas duas freguesias, no dia 3 de Novembro, virou-se um motociclo com atrelado, obrigando à hospitalização a mulher, dois filhos e uma prima do condutor, o sr. Manuel Ferreira que foi o único ocupante da viatura a sair ileso deste acidente.

A sr.ª Teresa de Jesus, de 49 anos, prima do condutor, entrou já em

estado de coma, com várias escoriações e cinco costelas partidas, estando, mercê das lesões graves sofridas, ainda internada no Hospital de S. Marcos, Braga.

A todos os sinistrados desejamos boa recuperação e que, permitam-nos a recomendação, após esta ocorrência, haja maior prudência a fim de que acidentes deste tipo possam realmente ser evitados.

FESTA DAS COLHEITAS

Realizou-se no dia 23, penúltimo domingo de Novembro, um grande

cortejo de oferendas cujo produto se destina, este ano, à realização de obras na residência paroquial.

Trata-se de uma iniciativa levada a cabo todos os anos com vista à efectivação de obras de carácter paroquial a que adere sempre toda a população desta freguesia, como ficou bem demonstrado neste ano de 1986.

A todos, em nome da freguesia de Sequeiros, um muito obrigado e que o Senhor, para o próximo ano, recompense na proporção de cem por um.

PAREDES SECAS

A «actuação» de um grupo coral na nossa matriz não só trouxe muitos pruridos, como levou à «paralisação» das cordas vocais de grande parte dos elementos do grupo aqui residente.

Factos destes acontecem quando efectivamente não há uma sólida formação humana e cristã e uma compreensão por atitudes diferentes, mas aceitáveis, daquelas a que se está habituado.

Referimo-nos à presença do Grupo Coral de Caldelas que fora convidado para solenizar a Santa Missa e o Baptismo de uma criança na igreja paroquial de Peredes Secas, no dia 12 de Outubro, por uma tia dos padrinhos do neófito.

Isto, a constatar pela ausência sistemática de grande parte dos elementos do grupo de cantoras da nossa freguesia até ao penúltimo domingo de Novembro, gerou uma controvérsia e um melindre que com um pouco de compreensão pode, agora, chegar ao fim.

Não houve nenhuma intenção de preterir o grupo local por parte dos pais e familiares da criança. Aceitou-se apenas a oferta da solenização da Santa Missa e

na altura da administração do sacramento do Baptismo.

Acontece que também se tomaram as devidas providências, contactando para o efeito o nosso Pároco e o grupo de canto-

ras daqui natural e residente.

Aqui fica o nosso pedido de desculpas por qualquer coisa que no processo desenvolvido não tenha estado bem e que, de agora em diante, tudo volte à normalidade.

Atropelado mortalmente menor de 11 anos

Ao sair da camioneta que o levava da Escola Preparatória foi atropelado em Santa Marta de Bouro, Amares, Filipe José Maia Pereira, de 11 anos, no dia 17 deste mês.

Conduzido pelos Bombeiros Voluntários de Amares ao Hospital de S. Marcos, em Braga, pouco tempo teve de vida.

Os médicos ainda tentaram salvá-lo, mas sem resultado.

Aquele estudante residia com seus pais, Manuel Joaquim Pereira e Rosa de Jesus Gonçalves Maia, no lugar do Paço, Goães, Amares.

Foi colhido por um veículo ligeiro conduzido por António de Jesus Lopes Pereira, de Vieira do Minho.

O corpo do Filipe José recolheu à morgue do Hospital de S. Marcos e o funeral realizou-se no dia 19.

Cardoso da Saudade

- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

Cardoso da Saudade

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

LOKA'S

ÉCO DO PASSADO
E DO PRESENTE

Av. dos Banhos, 860 r/c
4490 PÓVOA DE VARZIM



ARTESANATO • ANTIGUIDADES • VELHARIAS

TERRAS DE BOURO

MOIMENTA

Nem tudo lembra. Mas, é preciso lembrar. Por exemplo:

Não há sinalização na saída da Vila. Vários turistas que pretendem tomar a via de Monção me têm perguntado qual a estrada que devem seguir, assim como já tenho ouvido perguntar para Braga, etc.

Mas o pior, ainda não é isso.

Falta uma coisa, que nós todos vemos por essas estradas fora.

Logo ao sair da Vila falta isto: Atenção a crianças. Há escolas.

Eu tenho visto carros a grandes velocidades que nem em estradas livres desde que são estreitas, devem andar com aquela velocidade.

Falta de resguardo do terreno onde as crianças do Ciclo Preparatório jogam, à bola, para que ela não caia na estrada. E que o diga o sr. Amândio da Costa, do lugar de Sampataleão, que no dia 6 de Novembro, rezou por boas contas. Precisadamente no local em que me estou a referir, a bola vem à estrada e por sorte não houve desastre. Isto que eu cito, foi-me transmitido, e com bastante mágoa. Eu, para saber a verdade, fui à Cooperativa Agrícola de Terras de Bouro, falar com o sr. Amândio da Costa, e ele disse-me: «foi verdade. Fiquei atrapalhado de tal forma, que não sabia se havia de acudir à motorizada, ou à criança que apareceu atrás da bola, porque isto aconteceu na curva».

Isto é apenas a lembrar aos responsáveis, que tomem as precauções necessárias, porque o português só fecha a porta depois de roubado.

O sr. Amândio da Costa, depois de eu ter os topicozinhos do caso, começou a cantar:

*Eram quatro pretinhos
Todos quatro da Guiné*

BALANÇA

Faleceu no dia 6 de Outubro, com quase 83 anos de idade, a



sr. Palmira Martins dos Santos, viúva, residente que foi no lugar de Carzedeo, freguesia de Balança.

Aos seus filhos (dois assinantes deste jornal) e restantes familiares o nosso profundo pesar.

*E deitaram a fugir
Dançando o saricoté.*

Eu acompanhei-o a cantar. E diz ele: Já lá vão 38 anos. Eu pus-me a fazer contas e disse: É verdade. E retirei.

*Apenas é um aviso
P'ra um bom entendedor
Sinalizem as estradas
P'ra evitar mal pior.*

ASSINATURAS PAGAS

Pagaram as suas assinaturas relativa a 1986, José Albino Dias Loureiro, residente na freguesia de Rio Caldo, e Maria Vieira, residente no lugar do Cavacadoiro, freguesia de Moimenta.

No dia 13 de Novembro, várias coisas aconteceram:

Roubo de carro, desastres e faísca com um só fortíssimo trovão, que podia ter ceifado a vida da sr. Ana Dias Neves, de 41 anos de idade e de

seu filho Armando Nunes da Silva, de 13 anos de idade. moradores no lugar de Moimenta-a-Velha.

Logo que tive conhecimento do que tinha acontecido, desloquei-me ao local para ver se era verdade ou não tudo o que diziam sobre o assunto.

Realmente, a faísca caiu sobre um arame que estava sobre o campo das Mondinhas, estilhaçou-o todo e fez três buracos no próprio campo pondo duas oliveiras desfeitas em canhotas, e por último fez uma fenda num pinheiro grosso, e daí tomou rumo.

Em seguida fui ao lugar entrevistar a sr. Ana.

Disse-me ela que apenas sentiu como que um encontrão da frente para trás e que não se apercebeu de mais nada.

Quando recuperou os sentidos é que notou que

estava com o guarda-chuva preso nas mãos, as galochas que tinha calçadas à distância de 50cm, o peito com pequenas queimaduras, assim como a clavícula esquerda e a perna sem acção.

O filho recuperou primeiro os sentidos, e quando viu a mãe estendida no chão julgou que estava morta, dirigindo-se para o lugar a pedir socorro. Neste intervalo foi que a mãe recuperou os sentidos e como não

viu o filho julgou que alguma bomba tinham lançado e que o seu querido filho tinha desaparecido.

Vejam que tragédia: o filho a pensar que a mãe estava morta e a mãe a julgar que o filho tinha desaparecido.

Também os trabalhadores que estavam a trabalhar perto daquele local, disseram que nunca apanharam susto tamanho, na vida deles:

Conclusão: o sr. Armando Aguiar da Silva,

esta hora, podia estar viúvo e sem o seu querido filho. Bendito seja Deus.

Meu Deus, a Vós eu dou

*[graças,
Pela vossa compaixão
E Vos fico obrigado
Ouvi minha oração.*

*De joelhos agradeço
Rezando-Vos mui baixi-*

*[nho
Obrigado Bom Jesus...
Estou-Vos obrigadinho.*

*Pai Nosso, Avé Maria,
Vos digo com todo amor:
Ó Senhora da Abadia,
Sois a Mãe do meu Se-*

*[nhor.
Crispim de Vilar*

VILAR DA VEIGA

FINALMENTE AS OBRAS

É com agrado que hoje se referem as recentes obras que estão a ser efectuadas no caminho de Trás-das-Quintas do lugar de Ademeus, Vilar da Veiga. Espera-se que desta vez sejam completas. Iguamente se pode referir as reparações efectuadas nas escolas de Ademeus e Pereiró — que embora incompletas — já evidenciam um certo interesse dos autarcas pelo justo direito a melhores condições de trabalho, quer para professores como para os alunos. É de ter em conta que, num concelho carenciado como Terras de Bouro, tudo são reclamações justas, como tudo são dificuldades para quem está à frente do mesmo. No entanto, é através destas coisas, que à primeira vista parecem de pequena envergadura e de somenos importância, que se pode detectar o bom espírito de serviço dos representantes do povo humilde e a viver por vezes em condições precárias.

Neste sentir colectivo, é habitual ouvir-se por aqui, mais por parte das mães, o reclamar de um jardim de infância, que seria muito útil à ocupação positiva das crianças em fase pré-escolar, ambientando-as para o ensino e proporcionando assim aos pais mais tempo disponível para angariação de meios que lhes motivasse uma vida melhor e um futuro mais promissor. Isto não será difícil, se a boa vontade de uns for correspondida com o empenho de todos. Aqui se deixa mais uma vez o alerta.

OBRAS PAROQUIAIS

Graças, mais uma vez, à boa colaboração do Conselho Directivo dos Baldios de Vilar — Vilar da Veiga — foi possível efectuar uma remodelação total na sacristia da Igreja Paroquial. Assim, foi esta dotada de um pavimento novo, azulejos e pinturas das paredes, tecto e telhado completamente renovados. Esta obra orçou em cerca de quinhentos contos.

REINÍCIO DAS ACTIVIDADES CATEQUÉTICAS

No último domingo de Outubro foi dado início ao período catequético na Paróquia de Vilar da Veiga e que se alongará mais ou menos até fins de Maio de 87.

Estavam inscritas mais de meia centena de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos.

VISITA AO SANTO SUDÁRIO

No dia 22 do corrente as crianças de Vilar da Veiga tiveram oportunidade de observar com os seus próprios olhos a cópia fidedigna do S.º Sudário de Jesus Cristo. Esta encontra-se em exposição na Igreja do Convento de Santa Maria de Bouro. O grupo de catequistas em colaboração com o Pároco foram os organizadores desta visita e quem assumiu o pagamento pela deslocação em autocarro foram os órgãos autárquicos. O número de crianças era elevado pelo que encheram dois autocarros.

A. SOARES

ANIVERSÁRIOS

Maria Manuela Pereira, filha de João Pereira e de Maria Pereira, completou as suas 25 risnhas pri-



maveras, no dia 22 de Novembro.

E, no mesmo dia, também a donzela Maria Augusta Capela, fez as suas 21 alegres e risnhas primaveras.

Muitos parabéns e felicidades para as duas donzelas.

Também não esquece a sr.ª Maria Helena, esposa do sr. Júlio de Amorim Cerqueira, pro-



prietário da Toca do Caçador, que fez anos no dia 30 do mesmo mês.

*Para a Maria Helena,
Esposa do Capitão,
Eu digo ao seu marido
Que lhe dê chi-coração.*

ESCAPES?

CONSULTE A LISTA AMARELA

ESCAPCAR — Página 10

VISITE A

BOUTIQUE DUBOCAGE

SHOPPING SANTA CRUZ

(LOJA A.P. 37)

4700 BRAGA

— DE —

Jerónimo R. Martins Souto

PADARIA UNIVERSAL

DE *António José Fernandes*

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO
E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA
TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO
O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS
PREFIRA O DA **PADARIA UNIVERSAL**

TELEFONE 66125

SANTA MARIA DE BOURO

• AMARES

AMARES

A DENÚNCIA FOI TOTAL POR DESCONHECIMENTO OU CONVENIÊNCIA

Vou referir um episódio recente, bem elucidativo do modo de ser de parte dos habitantes de Caldelas, concretamente os que têm responsabilidades no sector hoteleiro.

Há bem pouco tempo deu entrada na Repartição de Finanças do nosso concelho, uma

queixa contra quase todas as casas particulares que alugam pontualmente um, ou outro quarto e que não estão colectadas. É certo que os direitos devem ser iguais para todos, assim como devem ser iguais, os deveres e só por isso tem razão de ser esta queixa. Mas logo à partida é estranho que o queixoso se tenha esquecido de duas ou três casas, na mesma situação e a saltar muito mais à vista, do que boa

parte das apontadas, o que leva a crer que os critérios de justiça do queixoso não estejam muito claros. Por outro lado, penso que é função das Repartições de Finanças vigiarem tais situações e não andarem os próprios contribuintes a acusarem-se mutuamente. Possivelmente este queixoso queria estar na mesma situação dos acusados, mas como não pode, num acto de ciúmes, por ver colegas seus escaparem às malhas da fiscalização, desata a queixar-se. Francamente, que coisa feia!

Este nosso conterrâneo alguma vez terá levantado um dedo para se queixar e lutar para ver corrigidas as anomalias que Caldelas possui, que o atingem também, como seja a falta de infraestruturas, algumas já apontadas neste jornal, as quais são tão necessárias para que Caldelas ocupe de facto o lugar que merece, entre as termas do nosso país? Creio que não. Talvez este nosso conterrâneo deva ser daqueles que trabalha quatro meses para descansar oito.

A. O.



Sá de Miranda

CÂMARA DE AMARES RECORDA SÁ DE MIRANDA

A Câmara Municipal de Amares vai recordar Sá de Miranda no 5.º centenário do seu nascimento com diversos actos que principiam em um de Dezembro e se prolongam pelo ano de 1987.

No dia um de Dezembro a Escola Secundária de Sá de Miranda presta homenagem ao seu patrono, em Carracedo.

A concentração faz-se às 14 h. junto da igreja daquela freguesia.

Segue-se, meia hora depois, uma romagem ao túmulo do poeta, uma visita à Quinta da Tapada e uma sessão solene na Câmara Municipal.

FERREIROS (FEIRA NOVA)

A LIGA EUCARÍSTICA PROMOVEU ENCONTRO ENTRE OS TRÊS PRINCIPAIS MOVIMENTOS PAROQUIAIS

No passado dia 16 de Novembro, na Quinta de Anceda, uma propriedade, na margem direita do rio Cávado, do sr. João Macedo, realizou-se um encontro entre os principais movimentos paroquiais, por iniciativa da Liga Eucarística da Freguesia de Ferreiros, da vila de Amares.

Estes grupos dinamizadores da paróquia—*Liga Eucarística, Grupo Coral e Catequese*—viveram uma tarde de domingo em são e divertido convívio, aproveitando a época das castanhas para a realização de um magusto.

Em espaço amplo, fora, em terreno amplo, ou dentro, no salão da Casa da Quinta, ali se fez a tradicional fogueira, assaram-se algumas castanhas, muitas outras foram assadas nos fornos da *Padaria Aurora do*

Minho, do sr. Paulo Macedo.

Não faltou também a broa caseira, sardinhas assadas e o bom verde tinto.

Houve dança ao som da música da aparelhagem ali colocada para o efeito, da concertina bem dedilhada pelo sr. Silvério e das vozes de quantos quiseram aceder ao convite formulado pela liga Eucarística.

Em animada festa, trocaram-se as melhores impressões sobre convívios deste tipo e mesmo firmou-se o propósito da realização de outros que se seguirão a fim de que os objectivos comuns dos três movimentos aqui presentes se concretizem na partilha da amizade, da alegria, da cultura, dos lanches e, essencialmente, da Fé, numa atitude de verdadeiro testemunho cristão àqueles que, porventura, venham a comparecer.

No final, já noite, foi o regresso a casa para a continuidade, no quotidiano da vida familiar, com aquele mesmo espí-

rito que a todos irmanou, naquela agradável tarde outonal de Novembro.

AMIVERSÁRIO

No dia 20 de Novembro completou 20 anos o



nosso leitor e assinante Abílio Pinheiro da Silva Pereira que também liquidou a assinatura de «A Voz da Abadia» para o ano de 1986.

LIQUIDAÇÃO DE ASSINATURA

Pagou a assinatura correspondente ao ano de 1986/87 o sr. Francisco Ferreira das Neves, Feira Nova, Amares.

confeccões

J U A L

Vestuário para Homem Senhora e Criança
Especialidade em vestidos de Noivas

RUA GIL VICENTE, 69-71
GUIMARÃES



Francisco Oliveira

MÁQUINAS DE COSTURA

INDUSTRIAIS

SEDE: R. NOVE DE ABRIL, 612 — TELS. 496738-494378 — TELEX 23393 FRAMAQ P — 4200 PORTO
FILIAIS: URBANIZAÇÃO S. JOSÉ, B. 3-4 — ESCADAS — 4750 BARCELOS — TELEF. 82022
LUGAR DE ARCAS — CRISTELOS — 4620 LOUSADA — TELEFONE 912904

DORNELAS

Por iniciativa da Associação Desportiva, Recreativa e Cultural de Dornelas, em colaboração com alguns agricultores deste freguesia, realizou-se, no passado domingo, dia 9 de Novembro, no Campo de Futebol, um magusto. Não faltaram as sardinhas e as castanhas assadas bem como bastante vinho para satisfazer todos os participantes que até lá se deslocaram.

Do programa estipulado, salientou-se a ausência de um rancho folclórico substituído em último recurso por um mini-jogo de futebol que serviu para preencher esta curta tarde de Outono. No decorrer da festa foi também elaborado um sorteio entre os participantes com a atribuição de dois prémios surpresa. Tudo terminou ao princípio da noite quando as pessoas começaram a abandonar o recinto regressando a suas casas.

Acabando por este ano, ficou a promessa de para o ano ser melhor.

CASAMENTO

Realizou-se no dia 8 de Novembro na igreja paroquial de Dornelas o enlace matrimonial de Agostinho da Costa e

Silva com Fernanda M. Costa e Silva.

ÓBITOS

Faleceu no dia 10 de Outubro em França a menina Cristiana Almeida, sendo sepultada no dia 18 de Outubro em Dornelas.

—No dia 11 de Novembro faleceu no Porto o sr. Adolfo Manuel Machado Pinheiro com 47 anos de idade vindo a ser sepultado no dia 13 de

Novembro, também em Dornelas.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Pagou a sua assinatura relativamente a 1985 e 1986 o sr. José António Silva.

ANIVERSÁRIO

Completo 23 anos de idade no passado dia 22 de Novembro o jovem José Manuel S. Freitas.

M. F.

FISCAL

CASAMENTO

No dia 26 do mês de Outubro realizou-se o casamento de Manuel Arantes Vieira e Maria do Céu Alves Talina Mendes a quem desejamos felicidades.

BURACOS

Têm sido muitas as pessoas a repararem em certos buracos na estrada

que deviam ser reparados.

CORRIGENDA

No último número, na nossa notícia, saíram alguns erros de nomes de pessoas e lugares e assim onde se lê Maria Seara Viana deve ler-se Manuel Seara Viana; Sónia F. Manso—Sónia F. Mano; lugares de Áspora, Couto e Vilonços—lugares de Aspra, Conto e Vilouços; Avelino Seara—Avelino Soares.

**ESTAMOS EM CONTACTO
COM OS NOSSOS EMIGRANTES
ESPALHADOS PELO MUNDO**

TERRAS DE BOURO

Souto, teve no passado domingo, dia 16, a sua festa das colheitas.

Embora por vezes interrompida, a realização de festas de colheitas já vem de tempos imemoriais, isto é, do tempo dos gregos e romanos, ou, quem sabe, ainda antes.

O povo romano adorava Ceres, a deusa da fertilidade da terra, nomeadamente dos cereais; os gregos, Deméter. Era natural que tanto uns

SOUTO

como outros realizassem grandes festividades em honra das referidas deusas e lhes fizessem oferendas em géneros agrícolas.

Os primeiros cristãos, à boa maneira de muita gente de hoje, procuraram imitar os costumes já consagrados, embora lhes dessem um espírito novo. Assim apareceram

as festas das colheitas como agradecimento a Deus pelos benefícios recebidos ao longo do ano.

É por isso que todo o povo cristão adora a festa das colheitas. E se nem todos colaboraram é porque lá terão os seus motivos. Lá diz o povo: mais do que saber quem não deu, seria bem mais

importante saber por que não deu.

A festa das colheitas, deste ano, em Souto, rendeu cerca de 100 contos. Houve mais quem oferecesse em dinheiro do que em géneros. Estes, porém, depois de leiloados ainda somaram 34 mil escudos aproximadamente.

O bazar foi um espectáculo. Ainda tenho na retina a imagem daquele senhor moreno e de bigode que dava dois passos em frente e com voz timbrada apregoava o seu lanço e voltava para trás. E aquela senhora loira, bem humorada que conseguiu pôr muita gente em sobressalto?

No final, até foram precisos táxis para o transporte dos produtos para os seus destinos...

OFICINA DE REPARAÇÕES

Nos princípios deste mês, abriu nos fundos da antiga venda do Artur, uma oficina de reparações de bicicletas, motorizadas, moto-serras, esquentadores a gaz e fogões, pertencente a Albino Gonçalves da Mota Peixoto, residente em Braga.

Porque era uma necessidade, desejamos que este empreendimento tenha um futuro longo e risonho.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Pagou «A Voz da Abadia» relativamente aos meses de Novembro e Dezembro do corrente ano, D. Zaida Martins, do lugar do Pardieiro.

(C.)

CASA FEIXA

— DE —

Manuel Antunes Soares

CAFÉ E MERCEARIA

TELEFONE 66131
BOURO SANTA MARIA
4720 AMARES

Pensão
UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante
Churrasqueira

TERMAS
DE CALDEIAS

Telefones 36236 / 36286
4720 AMARES

RIBEIRA

No dia 23 de Novembro (domingo) a Associação Cultural de S. Mateus da Ribeira organizou o seu já tradicional magusto. Ao som da música transmitida pelos altifalantes, instalados junto à sede da Associação, desenvolveu-se a tarde desportiva com dezenas de participantes inscritos nas provas de jogo da malha, jogo da sueca, tiro ao alvô e futebol de salão. Aproveitamos assim para organizar mais uma jornada de jogos tradicionais, sendo do agrado da maioria do público.

Pelas 16 horas da tarde iniciou-se o magusto propriamente dito não faltando o vinho, as castanhas assadas, a boroa e a sardinha assada. Foi com boa disposição e a algazarra habitual que se consumiram os «petiscos» levados para o local.

Após uma boa tarde de convívio todos se dirigiram para as suas casas preparando mais um

dia de trabalho que se aproximava.

A Associação Cultural de S. Mateus da Ribeira aproveita para divulgar que, no próximo dia 30 de Novembro, exibirá o filme «Os três indomáveis malucos em férias», pelas 21 horas, no lugar do Assento. É um filme de acção e comédia para todas as idades.

A A.C.R. faz também lembrar a todos os seus associados e população em geral que a Biblioteca Popular se encontra aberta todos os dias úteis, das 9 às 17 horas, na Casa do Povo em Vau. Aproveite para ler um bom livro e dirija-se à nossa biblioteca. Poderá levar um volume para casa durante 8 dias e seguidamente requisitar um novo título ou volume.

Lembre-se que o livro é um BOM AMIGO.

(C.)

S. JOÃO DO CAMPO

MAGUSTO

Para não quebrar a tradição, nascida há alguns anos atrás, a ARCCA realizou mais uma vez o seu magusto. Um pouco tarde na opinião de algumas pessoas, mas parece que foi ainda a tempo. As pessoas da nossa aldeia não tiveram problemas em rodear os caixotes de castanhas assadas e a boa pinga do vinho. Um grupinho aqui, outro ali, outro ainda além, rodeando qualquer coisa, que quem não soubesse do que se tratava diria que estavam a jogar ao tradicional jogo da «estátua»; mas o que estava rodeado não era uma pessoa, era a boa pinga e a castanhada.

Duma coluna saía um som agradável que fez a boa disposição da malta exprimir-se num animadíssimo baile, onde a rapaziada dançou até não poder mais.

Um pouco diferente de anos anteriores, o magusto foi no salão da residência paroquial, devido à chuva que foi

caindo, e não se pôde fazer no local habitual «A Chã de Baixo».

A força de vontade dos membros da ARCCA resistiu à chuva e assim se assaram as castanhas em algumas casas da aldeia, depois foram levadas para o salão onde não se fizeram demorar os garrafas do carrascão.

«Mais vale tarde que nunca», é um adágio popular, que aqui mostrou a sua validade, pois tudo esteve bastante bem. A boa disposição deste pessoal é fantástica, faz com que tudo seja uma alegria. É bom que não morra aqui, e que para o futuro tente ser ainda melhor, se não se conseguir já está bem assim.

Se pela nossa parte (ARCCA) algo esteve mal, agradecemos que nos corrijam, para podermos fazer melhor no ano que vem.

QUEREM MANDAR NO QUE É NOSSO

No domingo, 23 de Novembro, pelas 10 ho-

ras, efectuou-se uma reunião com o Presidente da Câmara Municipal, Dr. José Araújo, no salão da residência paroquial.

A convocatória para a reunião foi feita em cima da hora, talvez porque a circunstância assim o tenha permitido.

O assunto em discussão revestia-se de grande interesse para a nossa aldeia, assim como para aldeias vizinhas. O Presidente Dr. José Araújo teve a preocupação de pôr ao corrente da situação a nossa aldeia.

O assunto em discussão era a «quase» decisão do Governo, tomada em relação ao nosso concelho. Em comunicado à Câmara Municipal o Governo admitiu a hipótese de acabar com a Motonáutica na barragem da Caniçada, que constitui uma atracção turística da nossa região e a limitação de uma extensa área do concelho em benefício do Estado.

Naturalmente, o povo opôs-se a tal decisão do Governo, achando por bem que tudo fique pelo menos como está, advertindo que poderia, com pequenas, grandes modificações, ficar ainda melhor.

Nunca seria aceite tal decisão. Os habitantes da nossa aldeia não querem perder o domínio do que é comunitário.

A Câmara, representada pelo seu órgão máximo, vai continuar a informar, sem demora, as restantes aldeias do concelho do domínio que nos querem impôr.

Afinal quem manda cá somos todos nós, habitantes do concelho, e é isso que temos de mostrar, opondo-nos para que não passemos a ser controlados à distância.

FILIPE PIRES

ENVIE
O SEU
DONATIVO
PARA AS OBRAS
DO SANTUÁRIO



SERRALHARIA CIVIL

MARTINS & SOUSA, L. DA

- ★ Caixilharia de alumínio
- ★ Marquises
- ★ Gradeamentos
- ★ Divisórias silos
- ★ Coberturas e qualquer tipo de serviços em ferro



«CORTE E QUINAGEM DE CHAPA»

LUGAR DA AMARELA

FERREIROS • TELEF. 73328 • 4700 BRAGA

CALDELAS
CENTRO DE MEDICINA FÍSICA
E DE RECUPERAÇÃO
ABERTO TODO O ANO
Convencionado com o Serviço Nacional de Saúde
INFORMAÇÕES: TELEFONE 36117

Litografia do
Minho Lda.
Tudo para:
EMBALAGENS E ROTULAGENS
Brevemente:
Serviço de Tipografia e Encadernação
Rua Abade de Loureira, 71-73-89 - Telef. 22085-7770 - 700 BRAGA

CASA CLEMENTE
FUNDADA EM 1852
COMÉRCIO DE:
ARTIGOS RELIGIOSOS - IMAGENS - TERÇOS - MEDALHAS - CRUCIFIXOS
ESTAMPAS - QUADROS - ARTIGOS DE PLÁSTICO
PREÇOS PARA REVENDA
Irmãos Gonçalves, Lda.
RUA DE S. VÍTOR, 12-18 • TELEFONE 22451 • 4700 BRAGA

O DESFAZER DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA DA ORDEM DE S. BERNARDO EM 1883

Por PAULO FERRO

Há tempos, publicou-se «Memórias de um miguelista» da autoria de Francisco de Paula Ferreira da Costa. Este seguiu a emigração miguelista aquando da entrada das tropas liberais em Lisboa, em 24 de Julho de 1833. Cobre o deambular de miguelistas desde esta data, altura em que abandonaram a capital, até 3 de Julho de 1834. O autor é homem particularmente ligado à igreja e com amigos entre os frades. Testemunhou os últimos dias da Ordem de S. Bernardo, em Alcobaça, cujo convento foi desamparado pelo próprio Geral da Ordem. No seu deambular migratório, esteve e reco-

dia prometia... Este religioso viu-se nessa mesma manhã na necessidade de emigrar do referido Convento e mais um seu irmão, também frade Bernardo, porque ouvindo na sua presença um ferreiro liberal dirigir alguns insultos à pessoa d'el-Rei, o pretendu fazer emudecer com razões; o irmão, porém, mais moço e fogoso, usou dos meios de facto e pisando muito bem o liberal com punhadas e pontapés, assentaram ser indispensável, para evitar uma futura e certa vingança, retirar-se para Alcobaça, onde depois os fui encontrar, como adiante direi.

«A proporção que nos

além daquela Vila e das Caldas e até aqui assim se fez acreditar a todos, inculcando-se que os ulteriores movimentos dependiam das Ordens que se esperavam d'el-Rei.»

«Entramos em Alcobaça e nos dirigimos imediatamente ao Convento dos Religiosos de S. Bernardo e fui por eles recebido com o maior entusiasmo e amizade, achando-se já com muito cuidado a nosso respeito, por saberem pelo Arcebispo e pelo Abade de Odivelas, que já aqui se achavam, que estávamos em caminho, e não sabermos cousa alguma de nós desde o dia anterior, em Óbidos. Contei-lhes o que nos havia acontecido, o que muito os espantou e enterneceu e fui logo dar graças a Deus de me haver salvado de tão grande perigo. Curei os pés com água ardente e vinagre e então me caíram as partes calosas dos calcanhares, em forma de meia casca de laranja, ficando-me em carne viva, que continuei depois a curar, bem como a cara, com unguentos que me deram e as unhas (que todas caíram) e dedos tão pisados e negros que dez meses depois, em minha casa já, é que tornaram à cor e estado natural. Ali recebi o melhor tratamento que se podia dar nos três dias em que me demorei naquele Mosteiro e quase me restabeleci. Dormi na cela do celeireiro menor e nesta oficina jantávamos todos os dias, almoçávamos e ceavamos com alguns dos religiosos mais dignos e hóspedes de maior consideração.

«Todo o convento se encheu então de fidalgos, desembargadores, militares e gente de toda a classe e ordem e esta Corporação, rica e generosa, abrangia a tudo gratuitamente, fornecendo de suas oficinas e armazéns, com a maior profusão, quanto exigiam. Isto continuou ainda depois do dia 30 (em que saíram os religiosos) por algum tempo, até que os Constitucionais entraram no convento, depois de passarem as últimas tropas para Coimbra; mas depois tornaram estas a regressar e ainda até Setembro estiveram nela alguns leigos; porém, depois ficou inteiramente ao arbítrio dos revoltosos e mal intencionados que o principiaram a destruir. Neste mosteiro, nos dias que ali estive, se punham diariamente três mesas, três vezes por dia, uma na cela do Geral, para ele e seus convidados de maior hierarquia, outra na celeiria e a terceira na hospedaria, além de abundante chá ao fim da tarde. Na mesa da celeiria nunca observei menos de 30 pessoas.

«Vieram chegando tropas nos dias 28 e 29 e então, desanimados os religiosos, vendo que continuavam na marcha, recendo ficar expostos às violências dos liberais e ainda ao furor e ignorância dos seus próprios colonos, cuja turbulência bem

conheciam, resolveram-se a emigrar, particularmente porque o Geral era nisto o mais teimoso, por excessiva timidez, no que foi combatido por alguns dos outros padres, sem contudo haver um que se quisesse encarregar da administração do Mosteiro depois de passar o exército e ficando esta entregue a dois leigos mais animosos. Nem me constou que esta resolução fosse tomada em capítulo, mas só conferida com poucos dos padres que restavam no convento e na cela do Geral, em que não reinavam mais do que as lástimas, os sustos e receios deste.

«Os religiosos de Alcobaça combinaram-se com Perné para irem debaixo da sua escolta e companhia até Coimbra e passaram a fazer carregar imediatamente em carros próprios quanto tinham de mais precioso e se dispuseram para a jornada, levando trinta carros carregados, o Geral em sua traquitana e uns oito ou nove em bestas de suas quintas. Todos os mais, além de dois leigos que ficaram no convento e alguns moços, foram para casa de seus parentes ou para onde quiseram. Durante os dias que me demorei em Alcobaça, preparei-me para a marcha que eu já via, devia seguir até Coimbra, isto é, a pé, porque por apresação de cavalgaduras não queria nem era possível nestas circunstâncias; por dinheiro, menos, porque tinha pouco e por amizade não foi possível haver nas fazendas dos religiosos tantas que bastassem para si próprios.

«Na cela em que eu dormia, achavam-se quatro arrobas de pólvora encartuchada, em dois barris, pertencentes às Ordenanças de que nesta vila e coutos é Capitão-mor o Geral dos Bernardos. A cabeceira da cama em que eu dormia estava encostada a estes barris...»

«Era interessante ver algumas vezes de lugar elevado uma extensão de mais de légua coberta de povo e carros e de cavalgaduras de toda a qualidade. O que, porém, nos comoveu por mais de uma vez, foi observar os religiosos Brunos de Bracarena, que haviam emigrado e iam nesta ocasião na nossa companhia, cansados e feridos dos pés, que quando queriam tomar repouso o faziam aos lados da estrada à sombra de algumas árvores, postos de joelhos e orando em comum as orações de sua obrigação e, naturalmente, pedindo a Deus pelos mesmos que eram causa de nossos trabalhos! Tal é a religião de Jesus Cristo! Era exemplar a marcha pausada e silenciosa destes religiosos, com suas cabeças envolvidas nos capuzes, braços cruzados sobre os peitos e por única matola-gem os Breviários debaixo do braço! Não merecia também pouca atenção o respeito que todos lhe tributavam e o desejo que tinham de lhes ser úteis; mas eles tudo desprezavam pelo

rigor de seu instituto. Também iam nesta ocasião alguns religiosos Brancanes.

«Os religiosos Bernardos foram para o convento dos Arrábidos que há nesta vila (Pomba), onde não havia mais que um religioso e ali se fez no pátio o jantar para eles e para os principais da comitiva do tesouro e jantamos todos no refeitório. Procurou depois cada um acomodar-se da melhor maneira que lhe foi possível e como havia poucas camas, muito receio dos ares da terra e tencionávamos por isso sair cedo, ficaram uns no chão, outros sobre bancos, tendo eu de ceder um que já havia escolhido, a Frei Álvaro Vahia e ir dormir com meu filho e um venerável religioso Bernardo, que já fora Geral (Frei Paulo), bastante enfermo, para o coro, estendidos no chão e fazendo cabeceira de Breviários muito volumosos que nele encontramos.

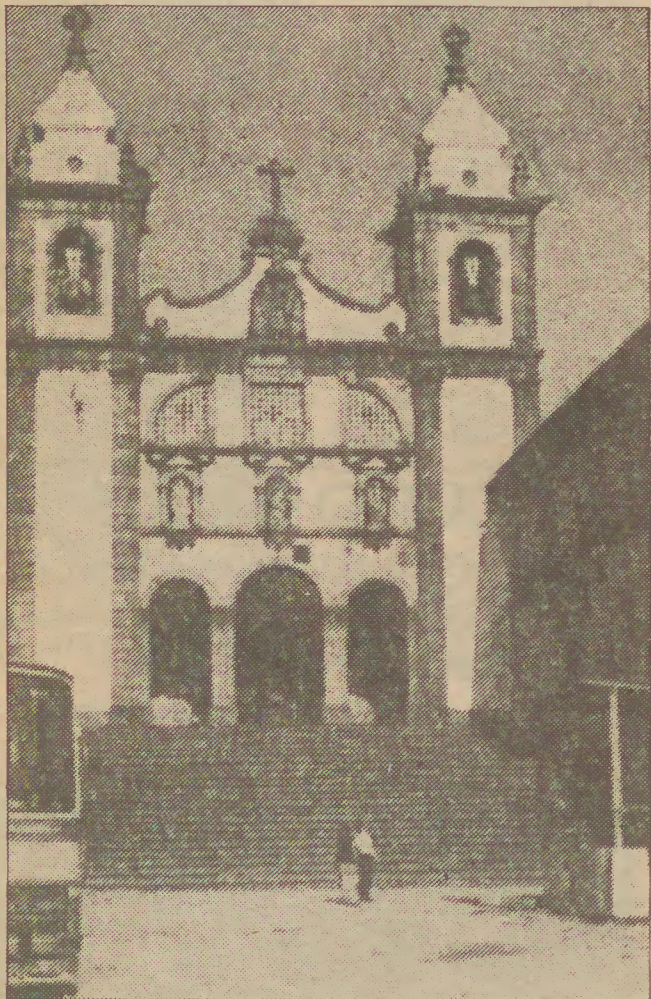
«Apesar da dureza do colchão e da infernal guerra das pulgas que levávamos no corpo, conciliámos logo o sono e este seria profundo e durável se pela meia noite não acordássemos repentinamente e sobressaltados pelo eco de cinquenta ou mais vozes de religiosos de várias ordens que aqui pou-

camos, mas sim mais pelo receio de igual sorte.

«Frei Álvaro Vahia mandou fazer chá e depois de o tomarmos procuramos descansar algum espaço e, não achando quarto, nem cama, nos estendemos no chão a par de outros muitos, por estar cheia a estalagem. Não pudemos dormir, não só pela dureza do colchão e pulgas mas por um bom par de piolhos, fazenda que pela primeira vez vi no meu corpo. Levantamo-nos cheios de zanga e aflição e com Frei Álvaro fomos estirar-nos e catar-nos na margem de um regato que passa neste sítio, perto da estalagem.»

«Os religiosos não me convidaram pelo que jantei à minha custa e como eles tencionavam partir mais tarde para Coimbra, eu me resolvi a marchar logo depois do jantar, por ser pequena a jornada e chegar a tempo de me arranjar e por isso parti às três horas, indo na companhia de um bom padre que havia jantado na mesma mesa quando eu o fazia.»

«O Geral dos Bernardos, vendo que a sua demora se ia alongando nesta cidade, receando voltar a Alcobaça pela incerteza dos sucessos sobre Lisboa, resolveu-se a



lheu-se em Alcobaça, mosteiro onde se vivia já em grande sobressalto. Neste dispersar de monges, há testemunhos seus que interessam ao historiador e para conhecermos esse período.

Nesse peregrinar, logo no primeiro dia seguiu com o arcebispo de Évora, D. Frei Fortunato de S. Boaventura, acérrimo miguelista, que nasceu em Alcobaça, professou na Ordem de Cister, doutorou-se em Coimbra, foi por D. Miguel nomeado Reformador Geral dos Estudos em 1831 e neste mesmo ano também foi apresentado como arcebispo de Évora e confirmado nesse cargo pelo Papa Gregório XVI em Fevereiro de 1832; exilou-se em Roma onde faleceu, quase na miséria, em 1844. Frei Joaquim da Cruz, procurador-geral dos frades bernardos, vizinho do autor, esteve com ele na hora da partida.

«Quase no fim do Campo Grande me encontrei com Frei Álvaro Vahia, Abade do Real Mosteiro de Odivelas, Secretário da Junta da Bula da Cruzada, o qual se retirava para o dito Mosteiro a esperar o resultado dos sucessos infaustos que este

alongávamos de Lisboa, íamos encontrando maior número de tropa, porém toda numa perfeita debandada e, confundidos com ela, Paisanos, Mulheres, Frades, etc.»

«Foi este dia (27 de Julho) para mim e meu filho o mais aflitivo da nossa existência até hoje. Eu tinha muitos amigos no Real Mosteiro de Alcobaça, tanto dos religiosos mais respeitáveis, mas mesmo com o Geral actual. Era este um religioso de muita virtude e talento económico como chefe daquela congregação, mas ignorante na política do Mundo, falto de espírito e em extremo timorato. (Em 29 de Setembro de 1932, a reunião da Mesa do Definitório foi presidida pelo Abade Geral Fr. Paulo Teixeira. Outros frades da época foram Frei José de Mendonça, Frei Paulo Lobo e Frei Manuel de Moraes). Eu tencionava esperar nas Caldas que passasse o arcebispo e na sua companhia ir até Alcobaça, onde julgava descansaríamos por algum tempo e esperar neste lugar o resultado da retirada do Exército, que até então não contava, nem pessoa alguma, passaria



savam, os quais iam dar os últimos sacramentos a dois dos Brunos e Brancanes que estavam agonizando pelo efeito da cólera, os quais poucas horas antes nos acompanhavam e de que um morreu assim que tomou os sacramentos. O repentino som das vozes e a rapidez da claridade que nos espantou ao abrir os olhos, junto à ignorância do facto que pouco depois soubemos, nos não deixou dormir mais, não só pelo efeito do susto em que fi-

vender as juntas de bois que nos seus carros conduziam o trem do convento e o fez por meio do Assistente Comissário...; e nos significou o seu pesar de nos não poder agradecer pecuniariamente o nosso trabalho, como era do dever, por não haver cinco réis em dinheiro naquele departamento, o que eu sabia muito bem (e tal era a falta) que o Geral dos Bernardos não obteve o pagamento dos bois vendidos em tais circunstâncias.